

Salvo o meu sonhar,  
Faz no chão incerto  
Um círculo a ondear.

E entre a sombra e a luz  
Que oscila no chão  
Meu sonho conduz  
Minha inatenção.

Bem sei ... Era dia  
E longe de aqui...  
Quanto me sorria  
O que nunca vi!

E no quarto silente  
Com a luz a ondear  
Deixei vagamente  
Até de sonhar...

### **Abdicação**

Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços  
E chama-me teu filho.  
Eu sou um rei  
que voluntariamente abandonei  
O meu trono de sonhos e cansaços.

Minha espada, pesada a braços lassos,  
Em mão viris e calmas entreguei;  
E meu cetro e coroa — eu os deixei  
Na antecâmara, feitos em pedaços

Minha cota de malha, tão inútil,  
Minhas esporas de um tinir tão fútil,  
Deixei-as pela fria escadaria.

Despi a realeza, corpo e alma,  
E regressei à noite antiga e calma  
Como a paisagem ao morrer do dia.

### **Abismo**

Olho o Tejo, e de tal arte  
Que me esquece olhar olhando,  
E súbito isto me bate  
De encontro ao devaneando —  
O que é sério, e correr?  
O que é está-lo eu a ver?

Sinto de repente pouco,

Vácuo, o momento, o lugar.  
Tudo de repente é oco —  
Mesmo o meu estar a pensar.  
Tudo — eu e o mundo em redor —  
Fica mais que exterior.

Perde tudo o ser, ficar,  
E do pensar se me some.  
Fico sem poder ligar  
Ser, idéia, alma de nome  
A mim, à terra e aos céus...

E súbito encontro Deus.

### **A Grande Esfinge do Egito**

A Grande Esfinge do Egito sonha por este papel dentro...  
Escrevo — e ela aparece-me através da minha mão transparente  
E ao canto do papel erguem-se as pirâmides...

Escrevo — perturbo-me de ver o bico da minha pena  
Ser o perfil do rei Quéops ...  
De repente paro...  
Escureceu tudo... Caio por um abismo feito de tempo...

Estou soterrado sob as pirâmides a escrever versos à luz clara deste  
candeeiro  
E todo o Egito me esmaga de alto através dos traços que faço com  
a pena...

Ouçó a Esfinge rir por dentro  
O som da minha pena a correr no papel...  
Atravessa o eu não poder vê-la uma mão enorme,  
Varre tudo para o canto do teto que fica por detrás de mim,  
E sobre o papel onde escrevo, entre ele e a pena que escreve  
Jaz o cadáver do rei Quéops, olhando-me com olhos muito abertos,  
E entre os nossos olhares que se cruzam corre o Nilo  
E uma alegria de barcos embandeirados erra  
Numa diagonal difusa  
Entre mim e o que eu penso...

Funerais do rei Quéops em ouro velho e Mim! ...

### **A minha vida é um barco abandonado**

A minha vida é um barco abandonado  
Infel, no ermo porto, ao seu destino.  
Por que não ergue ferro e segue o atino  
De navegar, casado com o seu fado ?